



O PANDANUS NA ILHA DO PRINCIPE.

M. I.
SIN.
ST.

REGISTRO

Os PRIMEIROS exploradores das terras africanas, depois de haverem torneado as plagas desertas e incultas do Sarahah, soltaram um brado de admiração ao formoso prospecto que, de uma e outra margem do Senegambia, lhes offerecia a natureza. A vegetação mais luxuriante succede sem transição á mais completa aridez, e em vez dos arabes bronzeados, magros, e de pequena estatura, encontram-se homens negros, altos, robustos e bem proporcionados.

«Nunca vi nada que se lhe pudesse comparar, apesar de ter navegado largo tempo nos mares orientaes da Europa» dizia, em 1446, o veneziano Cada-mosto, quando, depois de ter dobrado o Cabo Verde, costeou as praias do Senegambia; «a terra aqui é baixa e povoada de grandes e bellas arvores, que nunca se despem totalmente de folhas, porque as novas desenvolvem-se antes de caírem as antigas folhas, e nunca esmorecem nem seccam como na Europa.»

Vinte e sete annos depois da viagem do veneziano, descobriram os portuguezes mais ao sul, a pouca distancia das alagadiças terras de Guiné, quatro ilhas, que devem ao seu sólo volcanico uma vegetação excepcional.

Fernando Pó, a mais septentrional de todas, conserva ainda o nome do primeiro capitão portuguez, que, absorto de admiração ao vêr as suas graciosas collinas arborisadas, lhe chamára Formosa. Na segunda, a ilha do Principe, situada a trinta horas da costa de Guiné, e a 1º 37' latitude norte, é que se encontra o singularissimo exemplar da familia das pandaneas, que damos em a nossa gravura. Do alto mar, a ilha parece um ponto verde no Oceano; fogos subterraneos juntaram as gigantes massas de que se compõe, e que levantando-se desde a margem, vão crescendo de socalco em socalco até formarem um grande cabeço circular que se esconde nas nuvens. O solo, rico conjuncto de lavas decompostas, e de despojos vegetaes que incessantemente se renovam, produz as mais maravilhosas plantas, e as arvores mais esplendidas que se conhecem. Vaporosas columnas de fumo erguem-se das virentes collinas, revelando a existencia de algumas crateras no seio d'aquelles cerrados bosques. Debaixo das soberbas abobadas formadas pelas grandes arvores, crescem numerosos arbustos, que, por sua vez, dominam uma immensidade de plantas que alcatifam o terreno. O ar aspira-se impregnado de activissimos perfumes.

A par do baobab, d'esse colosso do reino vegetal, e das arrogantes tribus das malvaceas e das meliaceas tropicaes, cujas ramagens são, áquem e além, sobrepujadas pela elegante copa dos coqueiros, ostentam-se os arbustos do café, de purpureas folhas, os ananazes, as liliaceas, as extravagantes irideas, as airoas campanulas, os graciosos convolvulus, as lobelias, e milhares de flores, sem nome ainda, que tornam a nossa ilha do Principe um verdadeiro jardim sem igual no mundo.

Um official da marinha franceza que a visitou descreve assim o pandanus, reproduzido na nossa gravura:

«Uma corrente que procede dos escarpados cerros da ilha, despenhando-se de quebrada em quebrada, mantém constante humidade n'um estreito valle em que se concentra o calor produzido pelos raios do sol reflectidos sobre os flancos de duas montanhas mui proximas uma da outra. A elevada temperatura, devida a estas causas, alimenta no fundo do valle a mais vigorosa vegetação. O pandanus ergue-se no sitio em que, espraçando-se n'uma limpida angrasinha, as aguas da corrente vão encontrar-se com as ondas do Oceano, que se ouve rugir perto.

«A um quarto da altura, que na ilha do Principe, chega a 16 metros, a haste principal mede cerca de 35 centímetros de diametro; d'ahi para baixo diminue gradualmente de grossura, e quando chega á agua, onde está mergulhada, não a tem maior que uma raiz ordinaria. O tronco é todo em anneis, e d'onde começa a adelgaçar saem-lhe varias raizes, formando já angulos agudos, já curvas ogivaes, que igualmente mergulham n'agua. Sobre estas raizes, de estructura e disposição singular, ergue-se a arvore, qual monstruoso reptil, dividindo-se, a dous terços de altura, em cinco ou seis pernadas, corôadas no fim de folhas compridas, carnudas, e de rijissimos bordos.»

Para artigo especial reservámos dar uma noticia mais circunstanciada d'esta e das outras preciosas possessões que Portugal ainda conserva na Africa.

SANTA ISABEL.

ESTRANHA absolutamente ás cousas do Estado, a rainha Isabel conservava no throno uma austeridade quasi claustral; se lh'a notavam respondia «*que a mortificação era tanto mais necessaria sobre o throno, quanto sobre elle eram as paixões mais vivas, e os perigos maiores.*» A sua côrte eram os pobres e os desvalidos; os seus sarás o visitar de enfermos em albergarias e hospitaes; n'estes charidosos exercicios, e no regimento da sua casa era incansavel, merecendo por taes titulos o nome de *rainha santa*, já em vida. Nem por isso as tribulações deixaram de a visitar cruelmente.

As primeiras foi seu proprio marido, que amava tão estremecidamente, quem lh'as proporcionou. D. Diniz, arrastado pelo seu character ardente e genio galanteador, travára e conservára por largos annos relações indignas da sua dignidade, soube-o a rainha, sabia-o toda a côrte; havia d'essas criminosas relações provas irrecusaveis. Isabel, porém, calou no peito a dôr profunda, que lhe devia causar tão reprehensivel procedimento; escondeu de todos as lagrimas, que semelhante affronta lhe havia de forçosamente arrancar; não soltou uma queixa; não mostrou no trato com seu marido a mais pequena alteração; era sempre o mesmo rosto de anjo, a mesma serenidade de animo; sempre o mesmo carinho; o mesmo amor sempre: fez ainda mais; recebeu e tratou os filhos de D. Diniz como se filhos foram das suas entranhas!

O rei soube comprehendêr tão rara abnegação e virtude; e corrigiu-se depois de uma falta, que lhe acarretou não poucos desgostos no seu reinado.

Á intervenção de Isabel deveu-se terminarem as alterações civis promovidas pelo infante Affonso Diniz, irmão do monarcha, sob pretexto da illegitimidade dos direitos d'este á corôa de Portugal. D. Diniz tinha a parte sã da população do seu lado n'esta desgraçada contenda; mas o infante contava tambem grande numero de parciaes, e a lucta, com quanto não pudesse ter resultado funesto para D. Diniz, acarretaria sem duvida uma serie de desastres, que tarde se remediariam, e cubriria certamente o paiz de devastações e ruinas.

Os dous partidos achavam-se já em campo, em frente um do outro, promptos a ferir uma decisiva peleja. A rainha apparece a cavallo entre os combatentes, lembra a seu marido que é monarcha para perdoar, ao infante que é vassallo para obedecer, e tão ardentes foram os seus rogos e intercessões, que conseguiu que os dous irmãos fizessem pazes, despojando-se voluntariamente de uma parte das suas ter-

ras para com ellas satisfazer, de algum modo, a mal soffrida ambição do infante.

Novas e graves alterações, com mais nobres intuitos, e mais alto caudilho á frente, vieram perturbar a tranquillidade que o reino disfructava, e annullar uma parte dos beneficios que deviam provir das reformas emprehendidas, corajosamente e em larga escala, por D. Diniz.

Estas reformas assim como haviam creado poderosos interesses, e protegido efficazmente o melhoramento das classes populares, garantindo-as das exações e tropelias das privilegiadas, fizeram tambem um grande numero de descontentes nas ordens da nobreza e do clero. Quizeram estas reagir; mas quem as dirigiria nas suas tentativas revolucionarias? quem seria o chefe da arrojada empresa? quem havia de capitanear as hostes fidalgas contra os homens bons dos concelhos e os cavalleiros de mercê de D. Diniz? As circumstancias depararam aos despeitados um optimo ensejo, e um corajoso caudilho, o principe D. Affonso, o proprio herdeiro do throno, que se suppunha aggravado por seu pae nas mercês que este fizera a Affonso Sanches, e que ardia em desejos de manifestar publicamente o seu aliás pouco razoavel e pouco justo resentimento.

A colligação foi proposta; o pacto accete e firmado de uma parte e outra; e o negro pendão da guerra civil ergueu-se audaz e sinistro pelas provincias do reino, levando a toda a parte onde encontrava resistencia a desolação e a morte. Empregou D. Diniz todos os meios para desviar o principe da sedição; mas debalde; finalmente, decidido a castigar severamente a temeridade dos levantados e de seu proprio filho, travou das armas e marchou para a campanha.

No isolamento em que vivia soube Santa Isabel d'estes tristes successos, e da perturbação geral que elles haviam motivado.

Tremeu pelo filho, que de sobra conhecia ella o character de seu marido; e por isso não desprou meio algum de acabar tão terriveis dissensões que ameaçavam ao reino a ultima ruina. Attribuiu D. Diniz a parcialidade pela causa do principe o que eram apenas extremos de mãe carinhosa, e ordenou que a rainha se retirasse para a sua villa de Alemquer. Santa Isabel obedeceu, resignada perante a injustiça de seu marido, mas continuou incansavel nos seus esforços, tendo a satisfação de os vêr coroados de melhor resultado, pedindo-lhe depois seu marido perdão da affronta que involuntariamente fizera ás suas egregias virtudes.

Poucos mezes depois da convenção de 25 de fevereiro de 1324, que puzera termo á guerra civil, entregou el-rei D. Diniz a alma ao creador; e Santa Isabel que lhe assistira com disvélo e entranhavel amor até os ultimos momentos, declarou, por acto solemne, que d'ahi em diante viveria e morreria no habito de Terceira de S. Francisco; e assim o cumpriu, vestindo o sayal, cingindo a corda, e usando o véu branco.

Deixou Santa Isabel illustres monumentos da sua muita religião e charidade. Fundou o mosteiro das religiosas de Santa Clara de Coimbra, onde residiu a maior parte do tempo da sua viuvez; o mosteiro de religiosas cistercienses de Almoester; a igreja do Espirito Santo de Alemquer; e o hospital de Leiria. Mas em nosso entender a obra que mais recommenda á veneração dos vindouros a memoria da santa rainha, é a fundação do hospital dos innocentes na villa de Santarem, para o recolhimento, manutenção e educação de creancinhas engeitadas de um e outro sexo.

Este hospital, fundado em 1321, e largamente dotado, incorporou-se no de Jesus Christo por bulla do Summo Pontifice Innocencio VIII, expedida em 1485, a pedido de D. João o segundo.

Pena é que o padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, erudito auctor da Historia de Santarem, que nos apresenta curiosas noticias d'este hospital, nos não transmittisse a integra do compromisso, ordenado pela santa rainha, e pelo bispo da Guarda, D. Martinho, que não transereve, diz elle: «por não trasladar um portuguez tão antigo e tão extenso que poderá causar fastio aos leitores.»

Assim conheceu Portugal, como observa o nosso escrupuloso collaborador o sr. Nogueira, tres seculos antes de S. Vicente de Paulo instituir em Paris o hospital dos expostos, um asylo para criação e educação dos engeitados.

Recollendo da peregrinação de S. Thiago, e quando deliberava pôr-se a caminho para reconciliar el-rei de Portugal seu filho (Affonso IV) com el-rei de Castella, seu neto, enfermou mortalmente, e passou a melhor vida a 4 de julho de 1336.

No testamento que tinha feito em 19 de abril de 1319 ordenára que a sepultassem junto de seu marido em Alcobaça; mas, como el-rei D. Diniz escolhesse, em suas ultimas disposições, para sua ultima morada, o convento de Odivellas, por elle fundado, ordenou que a levassem a Santa Clara de Coimbra. Foi beatificada por breve de 1516, pela santidade de Leão X, concedendo seu culto em Coimbra; estendeu-se este até ao logar, onde estivesse a cõrte de Portugal, por breve do nuncio Pompeo Zambicario em 1552; e pouco depois a todo o reino por mercê de Paulo IV, que mandou celebrar a sua festa em 4 de julho: foi canonizada com grande pompa pelo pontifice Urbano VIII, a 25 de maio de 1625; e a sua trasladação fez-se com extraordinaria solemnidade, a 3 de julho de 1696, do antigo mosteiro de Santa Clara, que fundára, e estava arruinado pelo Mondego, para o que começou D. João IV, e acabou D. Pedro II, no alto da montanha fronteira á cidade.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO II.

Sou rei ainda!

A SCENA, a que o leitor vae assistir, apertava o coração aos que a presenceavam. Os ultimos instantes de Sancho I aproximavam-se; e n'esta hora suprema, quando um reinado finalisava, e o outro podia dizer-se que ia começar, o ultimo adeus do pae e do monarcha ao herdeiro da corôa offerecia um espectáculo de dôr para quantos o presenceavam.

Quando o infante entrou, e antes d'elle os ricos homens e cavalleiros principaes, o rei tinha caído em desmaio. D. Affonso aproximou-se da cama e pegou-lhe no braço. Sancho, tornando a si e abrindo os olhos, fitou a vista pasmada, ora n'uns, ora n'outros, mas não conheceu ninguem. Por fim abaixou-a lentamente para o sitio aonde estava ajoelhado o filho. Affirmou-se, duvidou, tornou a affirmar-se, e meio levantado sobre o cotovello deitou-lhe os braços ao pescoço, exclamando com alegria:

— «Filho! . . . filho da minha alma!»

O infante não teve forças de responder. Encostou a cabeça ao hombro do pae, e a custo reprimiu os soluços, que lhe estalavam na gãrganta.

— «Já tardavas, Affonso, dizia o rei passando-lhe os dedos pelos cabellos. Ia cuidando que não tornava a vêr-te, filho!»

Virando-se para o monge de Cister o monarcha accrescentou:

— «Não cheguei a vêr meu pae; morreu um dia antes de eu chegar. Em fim ouviu-me Deus, ainda tornei a abraçar este. Agora, quando fôr chamado a contas... e que estreitas contas, Senhor! É por elle; e apontava para o filho; pelos irmãos; pelo reino; é por todos... Chego a duvidar da salvação, meu padre!»

— «Duvidar da clemencia divina! redarguiu o abbade. O sangue de Christo correu para lavar as culpas dos homens, purificando-os diante da face do Juiz.»

— «Eu sei! acudiu o rei. Não se me tira isto da idéa.»

— «É preciso tiral-o; tornou o monge. Sabeis a historia d'aquelle filho que se despiu para cubrir a nudez do pae; e appareceu vestido de graça aos olhos de Deus? A Igreja, esposa de Christo, é nossa mãe espiritual. — Aquillo, ajuntou indicando o pergaminho — peza mais perante a sua misericordia, do que a vida do peccador diante da sua justiça.»

O pergaminho era o testamento de Sancho I.

Um sorriso fugiu quasi imperceptivel pela bôca do notario, que olhou para D. Affonso. O principe, carregando o sobr'olho, respondeu-lhe com outro, que parecia dizer — «entendo!»

Em quanto o monge prégava a sua theoria utilitaria, D. Sancho conservou a cabeça pendida sobre o peito. Levantou depois a vista, e mirou por muito tempo o infante sem fallar.

— «És o retrato de tua mãe, Affonso; suspirou elle. Em tudo se parecem, na bôca, nos olhos, até na voz; és a imagem santa que perdi... que perdemos ambos!»

— «Querido pae!»

— «Havia de ser por força um dia. É hoje... Affonso, tenho que te recommendar muita cousa. Estava-te escrevendo. Teu pae pedia-te a esmola de o enterrares na humildade d'este habito ao pé da sepultura de teu avô.»

— «Ha de fazer-se,» retorquiu o infante com melancholia.

— «A corôa e o sceptro são teus d'aqui a pouco... Deus sabe que os não choro; nem levo saudades do mundo. Ceguei-me com as vaidades, mas hoje... Não se dorme n'um travesseiro de espinhos, molhado das lagrimas do povo, Affonso!... Commetti peccados como homem; mas sobre tudo o que me peza são as culpas e os erros como rei. Tenho medo da voz que possa pedir a justiça com que eu faltasse; horrorisa-me cuidar que o sangue dos que feri sem causa ha de levantar-se contra mim... Filho, ás portas da eternidade teu pae roga ao herdeiro da sua corôa, que lhe dê a paz da consciencia. Affonso, dá-me de esmola com que restitua aos que offendi.»

As palavras eram de supplica, mas o tom era de quem manda e conta ser obedecido.

— «Quanto el-rei mandar será cumprido, volveu o principe. Juliano, continuou virando-se para o notario, está ali o testamento? Lêde!»

O testamento rezava de legados pios aos Templarios e Hospitaleiros. D. Affonso approvou, dizendo para si: — «É justo; andam ás lançadas com os mouros na fronteira.»

Seguiam-se doações em dinheiro e em terras ao mosteiro de Alcobaça. A parábola do veneravel abbade de Cister ficou explicada. D. Sancho despia o seu herdeiro para edificar uma casa mais aos eremitas do povoado. O infante franziu a testa e carregou o rosto, dizendo: — «adiante!» Vendo passar sem gloza a importante verba o abbade respirou.

Depois vinham doações a D. Maria Paes Ribeiro, e aos filhos que el-rei tivera d'ella. Liam-se, a final, copiosos legados de castellos, villas, direitos reaes, e thesouros aos irmãos legitimos do infante. A paciencia vencida pela cholera escapou ao principe; com o rosto escarlata e a voz estridente:

— «Santa Virgem! — gritou elle. — Quebram-me a corôa, repartem os bocados, e deixam-me o maior por direito do nascimento? Enganam-se! Não a recebo se não inteira como a teve meu avô, e meu pae a trouxe. E virando-se para D. Sancho, cada vez mais acceso em ira: Quantos reis ha em Portugal? Alemquer é da rainha D. Sancha; Montemór é da rainha D. Thereza; villa do Conde fica a D. Maria Paes. O dinheiro de Thomar, de Santarem e de Coimbra é espalhado ao vento! O rei que morre corta o braço direito ao rei que deixa! Ah! os monges, os monges! Mas eu os porei no seu lugar. Não hei de cumprir senão o que fôr justo!»

O ciume do poder real, depois origem das contendas civis entre Affonso e suas irmãs, descubria-se já em toda a força. D. Sancho escutou em silencio as primeiras palavras do infante; depois as feições animaram-se gradualmente; e nos olhos amortecidos fuzilou aquella ardente cholera, que os mais valorosos temiam arrostar. Sentando-se com impeto, e fechando o punho, exclamou em voz fraca, mas distincta:

— «Affonso, D. Affonso, quem é o rei ainda?»

Tinha razão. A ira galvanisou um momento o cadaver. Era outra vez Sancho I, antes do terror da morte e sem as cinzas da penitencia. Era o soldado de Silves, entrando pela mina, e a golpes d'acha estalando o coração das rochas. Era de novo o antigo monarcha, arrancando pela mão dos verdugos os olhos aos conegos de Coimbra para com o sangue d'elles mandar escripto o seu cartel contra a auctoridade pontificia de Innocencio III.

Mas D. Affonso tinha nascido filho d'aquelle pae. Mais concentrado, nos lances extremos era tão indomavel como o proprio Sancho I.

— «O rei sois vós! redarguiu o principe, respondendo á pergunta ameaçadora do monarcha. E oxalá que Portugal nunca tenha outro. Em quanto assim fôr sois senhor; o infante não sabe e não vê.»

— «Affonso!» exclamou Sancho em voz sombria.

— «Mas o rei D. Affonso, continuou o filho, quando puzer a corôa ha de pôl-a inteira, ou não a pôe. Hoje mandaes; sois rei; o primeiro a obedecer-vos é o infante. Desgraçado porém d'aquelle que amanhã me não fizer a mim o mesmo!»

Era uma resolução inabalavel tambem. D. Sancho conhecia bem o infante, e sabia que a força ou o temor erão inuteis para o mover. Por isso, e por que lhe dizia a consciencia, que se o filho peccava, o rei de Portugal fazia o que elle tinha feito, D. Sancho mudou de tom:

— «Affonso, por que não és, nem serás nunca irmão de teus irmãos?! Deus conhece a dôr com que os levo atravessados: e apontava o coração com magua. Elle te não castigue nos teus filhos!»

— «Como rei vejo só vassallos.»

Tudo caíu então n'um silencio constrangido. Passado algum tempo o rei ergueu a cabeça, e ajuntou com tristeza:

— «E os outros, Affonso, os outros, que também são teus irmãos?»

— «Os filhos de D. Maria Paes?»

— «Deixo-lhes honras e riquezas, mas comigo perdem o que não se suppre... Affonso, pelo amor de tua mulher, pela ventura do teu Sancho, avalia pelas tuas entranhas a minha afflicção: dize-me, faltando eu servir-lhes-has de pae?»

— «Pela cabeça do meu Sancho, e pela alma de minha mãe, o juro.

— «Descanço no teu juramento; a respeito d'elles morro tranquillo.»

A pallidez do rosto a cada instante se fazia mais livida. Os olhos sumiam-se, e a respiração era curta e rouca. Olhou muito tempo pela fresta como quem se despedia do céu, das flores, e das aguas do Mondego. D'ahi, virando-se para Sueiro Raymundo, disse com melancholia:

— «N'um dia como este tomei Silves. Não bole folha! Quem me havia de dizer que aquelles cercos e combates haviam de parar n'isto?»

E tornou a olhar com maior tristeza.

De repente desviou a vista, e com grande esforço murmurou: — «Cerrem-me a fresta.»

Asserenando, e armando-se de resolução, disse depois:

— «D. Affonso, um abraço! E mais baixo: — rei moço, não te cegues; toma exemplo em mim. Cuidado com a velhice, com as contas finaes. Adeus! Sueiro Raymundo, é uma viagem; suppõe que fui á Terra Santa e me demorei. Meus cavalleiros, o rei novo pagará as dividas do rei que morre.» E tornou-lhe a tristeza.

— «E escapar ao cerco de Santarem! Não haver uma setta que me varasse em Silves!... Era melhor!»

D. Sancho, filho de soldado, embalado no escudo paterno, chorava pela morte do guerreiro. Um pequeno espaço esteve assim; d'ahi cruzando os braços, exclamou suspirando:

— «Faça-se a vontade de Deus!»

E cerrou as palpebras como quem não queria vêr. Uma sezão de febrê, e com ella o deliño, arrancaram-lhe palavras soltas e incoherentes, proprias de quem ainda adoecia mais da afflicção moral, do que das dôres do corpo. A idéa da orphandade dos filhos como um espinho não cessava de lhe retalhar o coração.

— «Levem essas creanças; não as veja seu irmão! Olhem o infante! Digam ao papa... Affonso!...»

Depois, passando de repente a outras lembranças, fechava o punho, e estorcias-se com violencia.

— «Os frades eu os ensinarei!... ah, bispo do Porto fazes mal; não roces a mitra pelo meu elmo, podes partil-a! N'aquella cotta ha uma malha caída. Assentem o fio á acha d'armas; está cheia de bôcas das pedras de Silves! Sellem o meu cavallo; Vamos; é menos que uma caçada de javalis.»

A um signal do medico todos saíram menos o bispo de Coimbra. O infante enfiou salas sobre salas, até ir assentar-se em um escanho dentro do seu aposento, com o rosto escondido entre as mãos. Fallavam-lhe, não respondia; tocavam-lhe, não sentia; nem a voz amiga do seu collaço Gomes Lourenço o acordou da apathia. O sol escondeu-se detraz dos outeiros; as trevas apertáram até cerrar a noute, e elle sempre do mesmo modo. A lua abriu cedo; uma golphada de luz branca veiu tremer o seu pallido clarão sobre a armadura do principe, pendurada na parede. A pouco e pouco o sentido do ouvido despertou-se; julgou distinguir a toada das orações da igreja na agonia; cuidou escutar o dobre funebre dos

sinos de Santa Cruz; imaginou perceber o choro de muito povo, mas tudo confuso, esvaído; e faltando-lhe n'este pezadello invencivel até a força e animo de se mover para olhar pela janella que tinha de frente.

A final abriu-se a porta do seu quarto, e sem saber como, o infante levantou-se e deu alguns passos. Abaixando a vista achou ajoelhado diante de si o mordomo da Curia, o qual entregando-lhe o anel de seu pae, murmurou suffocado:

— «Senhor rei, este é o sello do reino!»

D. Affonso recebeu o anel. Quando o passava no dedo entrou pelo aposento uma toada de vozes religiosas, e o sino da cathedral bateu duas pancadas lugubres. Levando a mão ao peito, o principe fez signal ao mordomo que se retirasse. Apenas elle saiu, desafogando nos braços de Gomes Lourenço, D. Affonso a chorar exclamou:

— «Gomes Lourenço, já não tenho pae!»

(Continúa.)

PROSCRIPÇÃO DO DUELLO.

O QUE é o duello? — Ultraje da philosophia, e crime contra as leis sociaes. Absurda reliquia pagan. Feição (mesquinha pelos abusos herdados) dos combates singulares dos barbaros. Invocação caricata ao supposto juizo de Deus; prégada pelo fanatismo rude, e conveniencias de outras eras; acceita pela ignorancia e ferocidade de outros odios, e de outras paixões ruins, que o melhoramento da vida social e da especie humana tem de todo banido e relegado.

Homens do dia e da civilisação humanitaria, por que santificaes o absurdo pagão? Porque vos apparelhaes, com os barbaros, paralelo deshonoroso? Porque confundis Deus com o acaso, rebaixaes a philosophia a preconceitos pifios e hypocritas, e, affectando sacrificar em aras santas, fazeis holocaustos a Baal?

E mais que tempo de chamar a razão e o bom senso a campo de reflexão, para que d'uma vez desapareça a palavra e idéa de duello, e se separe do consorcio irritado em que tem vivido com a palavra e idéa sacramental e elastica de ponto de honra. Não se perca a memoria das reparações, nem se sancione a impunidade; mas legisle-se, com mais coherencia e mais justiça, sobre o processo a seguir n'esses casos, que até aqui tão erradamente fingiam não ter remissão possivel, fóra do infausto e barbaro assassinato de convenção, fóra do baptismo sanguinario do duello.

O uso do duello foi, com a successão dos tempos, degenerando dos altos e solemnes pretextos a que por muito tempo só parecia servir, e acabou por merecer a execração maxima, desfeando a sua propria fealdade nos pretextos corriqueiros e infantís, a que veiu alliar-se, e dar vulto, que não mereciam nem cousas nem pessoas. Se outr'ora o duello era sempre barbaro, agora é geralmente ridiculo. Foi jogo franco na Europa da idade media, porque a civilisação mal alvorecia pelas franças da arvore social; a ignorancia era apanagio da multidão, o fanatismo barbaro a ethica, que descia a doutrinal-a. Cria-se no supremo julgamento da lança, da acha d'armas, do yatagan. Cria-se nas provas d'agua e fogo: e a humanidade, corrompendo-se de mais em mais, ia com jorros de sangue apagando-se do coração os vagos traços da moralidade universal e innata, que o dedo de Deus lhe esculpira.

Felizmente esse tempo acabou. A civilisação fez-se luz de muitos, e agora sol para todos. O imperio

da razão e da philosophia restaurou-se. Cumpre, que esta sublime conquista da humanidade, esta aspiração do progresso, não seja uma chiméra. Não deixemos que, como no engenhoso quadro do Florentino, appareça o denunciante pé de bode, por debaixo da orla dourada e deslumbrante do vestido de Satanaz, assim desfigurado para vir mais a salvo em suas tentações. Não sejam os novos ditames da sciencia social e moral uma mentira maldita, sobre-dourada de muita fé postiga, e protestos ôcos, em occasião de fazer veniaga e mercancia. Haja fé e convicção, para que a cousa medre, e dê de si os bons fructos, que deve e se annunciam; mas sobre tudo isto haja coherencia, harmonia de partes e derivações, assim como se crê ou affecta crer na harmonia dos principios.

Como cousa séria é o duello barbaro e irracional de mais; para brinco, revestido de formulas pretensiosas, de pragmaticas, de regras, de prescripções e cerimoniaes, é a suprema caricatura do mundo, ultraje do bom senso, opprobrio de quem podendo não levantou caldeira e pendão a prégar, por beccos e praças, cruzada d'exterminio contra esta momice peccaminosa e absurda.

Futeis ou relevantes que possam ser os pretextos, o repto é sempre inefficaz como reparação, e frequentemente injusto. Nas grandes pendencias não é o resultado de um duello satisfação que contente, senão a quem vergonha e juizo tudo perdeu; nas pequenas desintelligencias é escusado e estúpido. Quando para altas e baixas questões de honra e pundonor não haja satisfações mais racionais, mais intimas, nunca cousa alguma pôde o duello ir corrigir. Para as altas conflagrações, em que a reparação ou satisfação é denegada, ou impossivel, queremos cousa maior que o duello, queremos o castigo do culpado, como legitima consequencia do maldizer, ou do mal fazer: para os desaccordos frivolos é o duello cousa mui subida e arriscada, que em taes circumstancias só a idiotas ou jograes pôde convir.

As absurdas leis do duello equilibram, na mesma balança, o réu e o auctor, o fraco e o forte, a sem-razão e a razão, a destreza e o desastre. Mais um quilate de sangue frio, mais um favor do acaso, mais um ponto de dexteridade sobre o contrario, e triumphará o criminoso do innocente; ficará castigado o resentimento e aspiração virtuosa; e o culpado, o delinquente, salvo, radiante, impune! Ha de o espadachim, criminoso ou insolente, passear ovante; em quanto o homem honesto e commedido, cujo era a causa da justiça, lá jaz no campo homicida, deixando após si muita orphandade de familia e amigos! Que juizo de Deus foi este que se pronunciou? Que reparação se deu? Que satisfação lavou a passada offensa? Qual mancha pôde o sangue do homem apagar?

E haverá cegueira, obstinação tão ferina e rebelde, que recuse abrir os olhos d'alma a estas verdades, que são para o velho repto uma condemnação, que a sociedade nova lhe esta de toda a parte fulminando, e para a nova doutrina de reparações um rebato vehemente?

Homens, que fazeis as letras e a politica; homens, que dominaes nos primeiros degraus da escala social, e sois dos mais altos: homens, que na mão tendes a imprensa e a tribuna; porque não levantaes pregão contra o erro assassino, que tem zombado do discurso de tanta gente de allucinação facil? — Prégae e promoveis a reforma do individuo, da familia, do gremio social em fim; fomentaes com a palavra, com o conselho, com a acção, a associação que dá forças, que illustra, que propaga idéas de engrande-

cimento e felicidade; e este engrandecimento da abatida realza da razão humana, esta felicidade da especie, porque não armaes a propaganda da associação para ir a favor d'ellas, e contra todos esses barbaros, deshumanos preconceitos, que um resto de quixotismo transplantou e tem mantido na sociedade nova, que vive, ou se propõe viver pela philosophia humanitaria, que é luz da verdade e do bem estar? — O homem, que fallando ou calando parece crer no duello como cousa admissivel, toleravel, ou de algum prestimo no mundo, avilta a sua razão, e a qualidade, o sello de racionalidade, que lhe a natureza imprimiu. O que podendo não emprega a palavra e a influencia, para extirpar e apagar todos os vestigios d'esse crime velho e nefando, cuja hediondez se tem pretendido disfarçar com o apparatus de negociações e palavras, tão inuteis como insensatas, com praxes, tão ridiculas como vans, é homem criminoso de lesa-philosophia, e lesa-humanidade.

Sacerdotes da imprensa! Propagae todos esta (para nós talvez) nova doutrina sobre as reparações, em pontos ditos de honra ou pundonor. Levemos convicção a todos os peitós, e a moralidade social ganhará muito com derrubar a razão indecente do acaso dos combates singulares, que quer armar a preeminencias e altos fóros.

E não venham os susceptiveis, ou apaixonados, dizer que em se desconceituar e prosciever o duello ficam muitas reparações impossiveis ou frustradas. Não! Vós outros, que louvaes e muito pugnaes pelo duello apparatuso, (mas que não provastes ainda o gosto do *bater a serio*) consideraes, que a razão humana tem muitos recursos para legislar d'outro modo, e melhor, sem ultraje da origem, sem vergonha nem traição do fim appetecido.

Por força, ou o duello não tem motivos plausiveis, ou os que a elle costumavam conduzir, favorecem mais uma do que outra das partes. Acaso não parece isto estar aconselhando, que ambos os dissidentes batam primeiro á porta d'um supremo tribunal, constituido (officialmente, e em quanto assim não fôr, particularmente pelos interessados) arbitro de questões de honra e pundonor, para que estude o ponto, e decida á que lado pende a razão e a justiça? E seja a decisão sentença sem appello nem aggravo, que obrigue a parte decaída ás satisfações ou reparações que a cousa pedir, e ninguem haja que ouse revoltar-se contra o julgamento, e provocar a *correcção*, não só da parte vencedora, mas tambem do tribunal! Ai d'elle, que lhe seria então o castigo certo e infamante, sem preliminar de nenhum dos absurdos equilibrios, que lhe dava a proscripta lei do duello!

Fôra assim que a razão e a consciencia triumphára sem baixeza nem cobardia!

Fôra assim que a boa causa se protegêra e fizera boa!

Fôra assim que se castigára a culpa, e a obstinação irracional!

Que melhor triumpho do que obter reparação pacifica, ou satisfação prompta, deixando a consciencia e amor proprio do culpado abatidos pela convicção e confissão, uma levada, outra arrancada pelas armas do raciocinio?

Seja a reparação, ou satisfação, particular ou publica, como d'um ou d'outro modo fôr a offensa; e restabelecendo assim o imperio da razão ultrajada, conseguir-se-ha com mais promptidão, mais cabalmente e sem perigo de resultados, injustos, não merecidos, a reparação que o duello não dava nem podia dar, porque innocente e culpado ambos equilibra e confundia.

Quem delinquir seja convencido, e dê reparação ou satisfação de si.

Quem a uma ou outra cousa se negue, depois de prévio convencimento, soffra as penas e castigo da sua falta, não já só fulminadas pelo offendido, mas ainda pelos que julgaram, e n'este caso ficaram sendo partes a bem da execução; mas sem que espontaneamente se dêem ao culpado garantias de combate ou reacção.

Taes são as doutrinas de muita gente boa, a respeito do ponto. Fazemos votos por que se préguem e propaguem, e, como devem em obsequio á razão humana, calem em todos os animos. A ellas nos promettemos sujeitar sempre. Por ellas unicamente protestamos fazer obra, no caso imprevisto, e que Deus não dê, de sermos a isso constrangidos.

A nenhum duellista preterito, presente, ou futuro queremos, ou é intenção nossa irrogar offensa. Rejeitamos-lhe a má doutrina: propomos outra mais equitativa e racional; e crêmos firmemente, que á nossa se apparelha um grande triumpho. De um ou de outro modo o numero dos Achilles ou Thersites, nem augmenta nem diminue. Os que foram, e são, *scrão*. Só a causa da justiça, assente em bases mais solidas, e menos arriscadas, servirá a esporear melhor os animos nobres e imparciaes.

Quanto aos outros pensamos assim.

Quanto a nós, o que *fûmos*, *somos*, e *scrêmos*, se proxima paralytia, ou quejanda affecção, nos não desconcertar... isto é, somos apóstolos da philosophia, e escravos da razão no que ella póde e deve alcançar, e no que discussão e meditação bastam a illuminar.

JOSÉ DE TORRES.

BIBLIOGRAPHIA.

Sobre a publicação de classicos portuguezes.

Foi na verdade um pensamento grandioso e civilizador a fundação de uma sociedade com os meios necessarios para publicar pela imprensa as obras dos nossos classicos, tanto prosadores como poetas, cujas edições estavam ha muito completamente consumidas, sendo necessarios annos, trabalho e diligencia para alcançar por preço exorbitante um exemplar de alguns d'elles.

Esta sociedade realisou-se, e por sua diligencia já possuímos novas edições de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Camões, e em breve teremos tambem o Palmeirim de Inglaterra do elegante Moraes. Estas edições são completas, sem as mutilações, que lhes haviam sido feitas pela censura fradesca e a Inquisição.

A sociedade, seguindo o louvavel exemplo de outras de igual genero estabelecidas em França, na Belgica e na Allemanha, cuidou muito não só na exactidão, e belleza typographica, mas que as suas edições tivessem uma condigão mui attendivel n'estes casos, isto é, serem baratas, unico meio de as fazer penetrar nas classes pobres, e menos instruidas, para pela facil aquisição dos bons livros poderem grangear certo grau de instrucção, e aprenderem a fallar á lingua patria com a pureza e elegancia que tão raramente se encontra entre nós no povo, e entre muitos individuos que não são povo!

Nada mais vergonhoso, e que mais enfadamento cause que ouvir barbarisar e estropiar a lingua materna; e este defeito se observa a cada passo entre nós, e muito principalmente no sexo feminino. Não

acontece assim nos paizes em que os bons livros andam nas mãos de todos, e se alcançam com pouco custo e pouco dispendio.

Temos pois para nós que os homens, que se associaram para tão nobre empresa fizeram um grande serviço á litteratura patria, e á boa educação dos seus conterraneos. Oxalá que esta benemerita sociedade persevere com constancia no seu proposito, e possa vencer os obstaculos, grandes sera duvida, que se atravessam em seu caminho.

Uma empresa semelhante não póde, é verdade, ser mui productiva em seus principios, especialmente em Portugal, onde o gosto da leitura existe em tão grande atrazo; é necessario por ora empatar algum cabedal, e isso desgosta de ordinario os emprehedores de todo o genero de industria; mas lá vem o futuro, que indemnisa bem de todas as perdas, e então esse terreno, agora arido e esteril, começa a fructificar com abundancia.

É sobretudo da boa escolha de exemplares para a reproducção typographica que depende no principio o credito da empresa. Tomaremos por isso a liberdade de indicar áquella associação alguns livros; e como me consta que se occupa com a publicação do Palmeirim de Inglaterra de Moraes, lhe lembramos que deveria ser acompanhado do segundo D. Duardos, e D. Clarisol de Bretanha, que de alguma sorte fazem parte d'este livro, porque são a continuacão do mesmo assumpto, e nada inferiores ao Palmeirim na pureza e elegancia da lingua, pois até a Academia Real das Sciencias os allega muitas vezes no seu Dicionario como textos da lingua.

Lembraremos mais a Historia da Abyssinia do padre Alvares, obra classica, e tão rara que é mais facil encontral-a em manuscripto que impressa, e é obra que os estrangeiros tem mencionado com louvor.

Igual attenção merece o igualmente raro Tratado da Pintura por Philippe Nunes, algumas das nossas chronicas, e as Investigações sobre os Celtas do desembargador Antonio Ribeiro dos Santos.

Quanto a poetas lembramos em primeiro logar o Primeiro Cerco de Dio por Francisco de Andrade, obra mui recommendavel pela belleza da linguagem, e da versificação, e pelos excellentes trechos de poesia, que n'elle se encontram, os Cancioneiros de Resende e o do Collegio dos Nobres; posto que o primeiro fosse publicado em Allemanha, entre uma collecção dos livros raros de todas as nações, e o segundo por lord Stuart: como aquelle se não vende em separado, e o segundo só foi impresso para brindar amigos, e presentear alguma livraria, é evidente que existem como d'antes fóra da circulaçãõ.

Recommendamos igualmente as Proezas de Duarte Pacheco e o S. Gonçalo d'Amarante, poemas manuscriptos de Miguel Cerqueira Doce, os Trabalhos de Hercules de Manoel de Sousa Moreira, o Cancioneiro de Jorge de Montemaior, hoje rarissimo, a Malaca conquistada de Sá de Menezes, e as obras de Sá e Miranda, juntando-lhe as suas comedias, mas na sua integra, e não mutiladas horriavelmente como o foram pela Inquisição.

E porque não chamaremos nós a attenção d'aquella benemerita sociedade sobre a conveniencia de publicar-se a traducção da Eneida de Virgilio e das Metamorphoses de Ovidio pelo padre Francisco José Freire, da primeira das quaes consta existir uma cópia na Academia Real das Sciencias, e o autographo da segunda na Bibliotheca de Evora, havendo além d'isso algumas cópias pelas mãos dos curiosos? E tal a nossa pobreza em traducções poeticas dos poemas gregos e romanos que não seria possível deixar

de considerar como benemeritos das letras patrias os que dêsem á luz pela imprensa duas obras tão acabadas.

Não é nossa intenção dar conselhos á illustre associação editora dos classicos portuguezes, nem ensinar-lhe o caminho que deve trilhar: sabemos perfeitamente que ella não necessita dos nossos auxilios, o que fazemos é lembrar cousas que nos parecem proveitosas, e fazemos isso pelo muito zêlo que nos anima pela gloria das letras nacionaes, e para exprimirmos o pesar que nos causa vêr perdidas, ou quasi inteiramente perdidas, tantas obras de merecimento, que infallivelmente desaparecerão se o patriotismo de alguém lhe não acudir com remedio.

J. M. DA COSTA E SILVA.

CURSO DE LINGUA ITALIANA, PELO CAVALHEIRO
A. GALLEANO RAVARA.

ANNUNCIANDO um curso da lingua mais poetica da Europa, dado por um dos mais extremados cultores da poesia e litteratura canonizada pelo Dante e pelo Tasso, julgamos levar uma boa nova aos leitores d'este semanario. O auctor do *Album Italo-Portuguez*, é já devidamente conhecido n'esta cidade para que seja mister recommendal-o. É desnecessario tambem seria repetir, que não é licito, que deixem perder, os que presam este bello idioma, occasião tão favoravel, para em breve espaço de tempo, e sem as temerosas inelencias d'abhorrimentos pedagogicos, aprenderem a manejar como sua a linguagem da Italia.

Eis as condições com que este sr. vae abrir o seu curso:

O professor A. Galleano Ravara vae abrir um curso de lingua italiana em sua casa no Largo de S. Carlos N.º 5, 3.º andar. As lições terão lugar todas as quintas feiras ás 7 horas precisas da tarde; e n'ellas empregará um methodo pratico de ensino que habilitará qualquer pessoa a aprender a fallar a quella lingua no breve espaço de tres mezes.



O AVARENTO.

No proximo mez de janeiro de 1853 começará a publicar-se o 10.º volume do *Panorama*. Annunciando-o, o Editor aproveita a occasião para agradecer a protecção que o publico illustrado lhe tem dispensado, e a sympathia com que foi recebido geralmente o pensamento de continuar um semanario tão illustre nos fastos da litteratura patria. Difficuldades inevitaveis na organização de uma empresa d'esta ordem, que, como todos sabem, é inteiramente distincta das anteriores, obstaram a que a nova serie do *Panorama* correspondesse inteiramente aos seus desejos. O papel, que nos fornecem as nossas fabricas, e que ainda não reúne as condições necessarias para uma edição nítida, faz principalmente com que as excellentes gravuras que temos dado, todas devidas ao delicado buril do sr. Coelho, não sobresaíam tanto quanto era para desejar. Esperámos obter melhor papel, e continuaremos sollicitos a empregar todos os meios para que o *Panorama* venha a ser tambem um specimen dos progressos da arte typographica entre nós. Em quanto á redacção o Editor não duvida apresentar os numeros publicados como uma prova insuspeita de que não sabe faltar, nem faltará jámais ás condições exaradas no seu programma.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, e nas lojas dos sr.ºs Lavado, rua Augusta, n.º 8, Bravo, rua do Ouro, n.º 212, Zeferino, rua dos Capelistas, etc.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.ºs 13300 rs. Por semestre ou 26 n.ºs 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.ºs que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.